

Segundo o estudo da OCDE "Education at a Glance 2013", 4,3 milhões de estudantes do ensino superior estudavam fora do seu país. Equivale a cerca de metade da população de Portugal!

A Austrália liderava, com cerca de 20% de alunos estrangeiros no seu sistema de ensino superior, seguida do Reino Unido, da Suíça, da Nova Zelândia e da Áustria. Globalmente, cerca de 50% dos estudantes estrangeiros estavam na Europa, 21% na América do Norte, e 10% na Oceania. Portugal tinha apenas 3% de estudantes estrangeiros, muito abaixo da média da OCDE, que era de cerca de 7%.

Estes estudantes são oriundos em primeiro lugar da Ásia (53%), provindo 23% da Europa, 12% de África e apenas 6% da América Latina.

Há lugar para nós, universidades portuguesas, neste mundo altamente competitivo, que segundo a OCDE cresce a 7% ao ano, e movimenta verbas da ordem de grandeza de todo o PIB português?

Creio firmemente que sim, e que a Universidade de Coimbra é a instituição portuguesa melhor colocada para o alcançar.

A Universidade de Coimbra parece estar ao nível dos melhores, pois já conseguiu, no ano letivo passado, atrair 18% de alunos estrangeiros. Mas o desafio vai ser agora muito maior: em breve irá ser publicado no Diário da República o Estatuto do Estudante Internacional. O Estado Português deixa de financiar os estudantes de fora da União Europeia, mas permite-nos recebê-los diretamente no 1º ano, embora tenham de pagar por inteiro os seus estudos. Seremos capazes de atrair milhares de estudantes extra-comunitários, com propinas que passarão de mil euros para muitos milhares de euros por ano?

Não é fácil, mas com muito trabalho, zelo e bom senso, acreditamos que é possível. Não podemos temer o desafio da globalização. Não aceitar esse desafio significaria aceitar uma lenta e inexorável degradação. Considero realista que, dentro de poucos anos, possamos vir a ter perto de 20% de estudantes internacionais. E isto com os benefícios que daí advirão, em termos de reforço de cosmopolitismo científico e intelectual (um desiderato para nós central), assim como em termos financeiros, gerando uma receita adicional da ordem de vinte milhões de euros por ano.

A chegada destes estudantes não vai obrigar, só por si, à contratação de docentes novos, pois já temos atualmente muitos estudantes estrangeiros, e iremos disponibilizar vagas essencialmente nas áreas em que existe capacidade de acolhimento disponível. Por isso, as receitas em causa podem vir a colmatar o subfinanciamento em que temos vivido.

Acredito convictamente que a aposta da Universidade de Coimbra na sua capacidade para atrair estudantes estrangeiros que procuram uma formação além-fronteiras permitirá também mostrar ao país e aos governantes que a solução está na diferenciação positiva. Espero que esta boa medida para o País em geral e para o Ensino Superior Português em especial, que é o Estatuto do Estudante Internacional (e por isso quero saudar o Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior aqui presente), seja apenas o primeiro passo de um conjunto de políticas de apoio e incentivo à manutenção e desenvolvimento do Ensino Superior Português.

Esta nova receita vai permitir-nos reforçar a qualidade: é nossa intenção, desde logo, recrutar os melhores docentes, invertendo a muito grave trajetória de envelhecimento em que nos encontramos. Voltaremos a reabilitar os edifícios, a renovar os laboratórios. Regressaremos ao caminho de recuperação da centralidade que a Universidade de Coimbra já teve no mundo.

Mas será que somos mesmo capazes de atrair milhares de estudantes internacionais a pagar propinas elevadas?

Em maio de 2006 assisti na Fundação Calouste Gulbenkian a um seminário sobre o futuro das universidades. Recordo uma ideia central da intervenção então proferida por Abrar Hasan, Diretor da Divisão de Políticas da Educação da OCDE: o bem mais valioso de uma universidade é o seu prestígio.

A Universidade de Coimbra dispõe desse capital de prestígio. Fora de fronteiras somos reconhecidos como a Universidade que, durante séculos, formou a elite do mundo de língua portuguesa. Será ele que atrairá estudantes de todo o mundo, e foi ele que levou a que UNESCO nos classificasse como património da humanidade. Na reunião do Comité do Património da UNESCO em que essa classificação foi aprovada, ficou patente que, para os representantes de todos aqueles países, a Universidade de Coimbra era um símbolo pleno da própria língua e cultura portuguesas, e da enorme influência que elas tiveram no mundo.

Existem apenas mais duas universidades em todo o mundo que são reconhecidas como património da humanidade pela cultura que representam: a Universidade de Virgínia, desenhada por Thomas Jefferson, que representa a mundividência que levou à formação dos Estados Unidos da América, e a Universidade de Alcalá de Henares, berço de Cervantes e pátria da língua espanhola. Neste *ranking* estamos portanto no topo, e é ele que nos indica o caminho para a globalização que queremos empreender.

O nosso prestígio é a língua e a cultura portuguesas. Em língua inglesa seríamos mais uma universidade em milhares; em língua portuguesa, somos únicos e insubstituíveis. Apesar de a maioria esmagadora dos estudantes que estudam fora do seu país procurar cursos em língua inglesa, há um interesse numa aprendizagem em língua portuguesa que é muito maior do que aquele a que alguma vez teremos capacidade para dar resposta. É um nicho de mercado, mas um nicho com uma enorme dimensão para a nossa escala. Há 250 milhões de pessoas que falam português, e incontáveis milhões por esse mundo fora que querem aprender a nossa língua. A importância do português está em crescendo, desde a *internet* aos *fora* internacionais, da economia à cultura, da ciência ao entretenimento.

O prestígio de antanho trará cá os estudantes, mas quando cá chegarem têm de encontrar de facto uma Universidade de elite. Temos de ter a humildade e a clarividência de reconhecer as nossas fragilidades internas e de as resolver com determinação. Temos de ter mais investigação científica, melhores aulas, infraestruturas mais ajustadas, mais ligação à comunidade. Em língua portuguesa estivemos, e temos de voltar a estar, ao nível dos melhores nas outras línguas.

Este posicionamento em relação à questão da língua não resulta de nenhuma pulsão utópica: é um desígnio aberto e realista. Devemos continuar a ter alguns cursos em língua inglesa, e porventura noutras línguas, essencialmente em cursos avançados de doutoramento e de mestrado. A língua inglesa continuará a poder ser ouvida em defesas de doutoramento na sala dos capelos. Mais do que isso, os nossos diplomados têm de estar preparados para o mundo, o que significa dominar também a língua inglesa, e, sempre que possível, mais alguma língua estrangeira para além dessa. Insisto nesta ideia: a Universidade de Coimbra tem de ser uma Universidade cosmopolita.

Basear o nosso desenvolvimento na língua portuguesa dá à nossa Faculdade de Letras uma enorme responsabilidade. Coimbra tem de ser reconhecida como a Universidade de referência no estudo da língua e da cultura de influência portuguesa, e há muito caminho a fazer para isso. E tem, também, de ser o local de referência para o ensino do português como segunda língua. A nossa ambição é passar a receber anualmente, para aprender a língua portuguesa, não as centenas atuais, mas muitos milhares de estudantes. Dependemos apenas de nós para o conseguir.

Quero partilhar aqui convosco também a minha visão sobre a eventual criação de polos da UC noutros pontos do globo.

Coimbra é muito mais do que os cursos e as aulas. São mil anos de história, é a sala onde em 1143 D. Afonso Henriques tinha o seu trono. É a área geográfica onde a língua portuguesa conheceu uma parte substancial do seu processo de criação, entre os árabes e moçárabes do sul e os povos latinizados do norte, nesta bacia do Mondego que foi fronteira durante tanto tempo. É a vida académica, o desporto e a cultura, é esta estranha mistura, tão íntima, entre a Universidade e a cidade. É a mais bela biblioteca universitária do mundo. São os gerais, onde os fundadores do Brasil estudaram e criaram os laços que mantiveram o Brasil um país uno. É a centenária Associação Académica de Coimbra, com a sua riquíssima vida associativa. São as repúblicas onde se abrigaram e formaram tantos daqueles que construíram a independência dos países africanos de língua portuguesa. É a sala 17 de Abril onde, em 1969, a ditadura recebeu um dos seus golpes mais duros. Não é possível reproduzir tudo isto noutros locais. Só em Coimbra se pode ter esta vivência académica.

Aproveito, aliás, para vos convidar a participar nas comemorações, que começarão em abril e terminarão em outubro, dos 950 anos da chegada em 1064 de D.Sesnando a Coimbra, onde fundou a primeira escola catedralícia, primeva precursora da Universidade. Nos cerca de 30 anos seguintes, Coimbra foi um oásis de convivência frutuosa e tolerante entre as comunidades muçulmana, judaica, moçárabe e cristã do norte. A tolerância, a curiosidade para com o diferente, continuam a ser um elemento central de uma universidade viva como queremos ser. Os valores de D.Sesnando são particularmente valiosos agora que nos lançamos nesta aposta de globalização.

O grande desenvolvimento económico, social e cultural que resultou do período sesnandino foi, provavelmente, crucial para a decisão de D. Afonso Henriques de se instalar em Coimbra, e aí ganhar o prestígio necessário para a construção do novo país que agora somos. E essa vinda de D. Afonso Henriques foi, por sua vez, determinante para que a única universidade portuguesa acabasse por estabilizar em Coimbra.

Permitam-me aqui lembrar o Prof. Manuel da Costa Lobo, um antigo aluno da Universidade de Coimbra, professor de urbanismo em Lisboa e em Coimbra, e urbanista da cidade durante muitos anos. Falecido há menos de um ano, foi ele quem, em Agosto de 2012, me veio chamar a atenção para este período histórico que agora vamos comemorar.

A nossa história e o nosso património, material e imaterial, têm um enorme potencial, que pode ser usado para bem mais do que apenas atrair estudantes estrangeiros. No sentido de estudar com profundidade como aproveitar esse potencial para o desenvolvimento da UC a todos os níveis, iremos lançar em breve uma iniciativa designada "Alta Sophia". É um projeto de investigação que terá como missão identificar caminhos de afirmação da Universidade de Coimbra, com enfoque particular, mas não exclusivo, nas Humanidades e Ciências Sociais. Também a nossa biblioteca virtual de conhecimento académico em língua portuguesa, a UC-Digitalis, que continua em grande expansão, tem um papel determinante na afirmação da UC como universidade central no mundo em português.

Tendo elegido a estratégia de globalização da UC, através da atração de estudantes internacionais, como tema desta minha comunicação, não posso deixar de afirmar que as dificuldades económicas não nos podem levar a focar demasiado na obtenção de receita. Nós não queremos aceitar qualquer estudante estrangeiro, só porque paga. Queremos atrair estudantes muito bons, que tenham sucesso nos estudos e na sua vida profissional. É o sucesso dos antigos alunos que atraí os novos alunos. As

verdadeiras universidades de topo atraem os melhores estudantes.

Para atingir esse desiderato temos de conhecer bem os países de origem dos estudantes, quer para conseguir identificar os melhores, quer para lhes oferecer uma formação que lhes seja muito relevante.

Identificámos dois países prioritários: o Brasil e a China. Mas não esquecemos, pelo menos, os restantes países de língua portuguesa.

A escolha do Brasil é óbvia: o prestígio da Universidade de Coimbra no Brasil é imenso, e nós já somos a maior universidade brasileira fora do Brasil. Acresce que, devido ao enorme crescimento da procura, o sistema de ensino superior brasileiro não consegue dar resposta com qualidade. Para os cerca de 6 milhões de jovens brasileiros que, este ano letivo, pretendem entrar no ensino superior, o sistema público apenas disponibiliza cerca de 600 mil vagas. A grande maioria dos restantes 5 milhões vê-se constrangida a cursar instituições privadas que, em larga medida, têm baixa qualidade. A Universidade de Coimbra está ao nível do grupo restrito das melhores universidades brasileiras, já bastante internacionalizadas, pelo que será uma escolha de primeiro nível para muitos jovens brasileiros.

A China parece uma escolha menos óbvia mas existem boas razões para que assim seja. Com efeito, o interesse pela língua portuguesa tem aumentado enormemente na China nos últimos anos, e tudo indica que vai continuar a aumentar. As grandes prioridades da política externa chinesa são a África e a América Latina, pelas suas enormes riquezas em matérias primas e pelos seus mercados em crescimento. Como os países de língua portuguesa têm grande relevância nesses espaços, atualmente o domínio da língua portuguesa é, para um estudante chinês, garantia de uma excelente carreira profissional. Sendo a Universidade de Coimbra a referência histórica da língua portuguesa, muitos quererão vir aprendê-la na nossa Universidade. Acresce que em muito poucos outros locais será possível, como aqui, encontrar todos os sabores e sotaques da lusofonia. Ao vir para Coimbra, um estudante encontra num só local toda essa variedade, e fica preparado para ela.

Devemos encarar com naturalidade que um estudante chinês passe connosco um ou dois anos só a aprender português, e só depois inicie a sua licenciatura, mestrado ou doutoramento. Creio que haverá muitos estudantes chineses disponíveis para esse prolongamento de estadia. O valor de mercado de um intérprete ou tradutor português-chinês é muito elevado, e ainda mais elevado será o valor de um engenheiro, jurista ou economista chinês que fale bem português.

Este princípio aplicar-se-á a muitos outros estudantes que não sejam falantes do português. Como não privilegiamos o ensino em inglês, a nossa oferta de ensino da língua tem de ser muito forte, para trazer os estudantes até um patamar de fluência que seja suficiente para as outras aprendizagens.

O custo de um curso numa universidade distante inclui, para além das propinas, os gastos com a estadia: alojamento, alimentação, viagens. Também nesta questão somos competitivos. Para além de sermos um país seguro, os custos de alojamento e alimentação em Coimbra são baixos, comparados com as grandes cidades brasileiras e chinesas. Para muitos habitantes de estados mais rurais do Brasil, estar em Coimbra é bastante mais barato do que estar em S. Paulo ou no Rio de Janeiro. Para um estudante chinês, vir para Coimbra é bem mais barato do que ir para Londres, Nova Iorque ou Sidney. Mas há aqui um desafio, pois a Universidade terá de, ela própria, encontrar alojamento para estes estudantes, mesmo que não seja nas suas residências universitárias; para um aluno que venha de muito longe, este é um serviço indispensável.

Há mais fatores a ter em conta para uma boa atratividade. Por exemplo, os candidatos têm de encontrar nos nossos serviços de atendimento uma boa capacidade de resposta para esclarecer dúvidas antes da decisão de concorrer, e para ajudar no processo de candidatura e na logística da vinda. Temos de ser pro-ativos no acolhimento e integração dos novos estudantes, algo de crucial numa Universidade que pretende transmitir não apenas conhecimentos especializados, mas fomentar o contacto com a cultura de expressão portuguesa. Temos, acima de tudo, que ajudar a que os nossos estudantes encontrem o caminho do sucesso académico, pois é o sucesso dos anteriores estudantes que mais atrai os novos candidatos.

Pretendemos aliás recorrer aos nossos antigos estudantes, presentes noutros países, para nos ajudarem a divulgar este novo caminho para vir para a Universidade de Coimbra. Quero aqui saudar muito especialmente a recém criada Associação dos Antigos Alunos de Coimbra em Macau - China, liderada pela Professora Wei Dan, que já está a dar-nos este apoio tão necessário.

A multiculturalidade tem muitos desafios para os quais é importante estar alerta. Por exemplo, não pode haver turmas separadas para portugueses e estrangeiros. Porque isso seria a negação da ideia de uma universidade plena de diversidade, porque isso dificultaria muito aos estudantes estrangeiros a aprendizagem da língua e da cultura, e porque isso inevitavelmente levaria a separações e disputas. Pelo contrário, temos de evitar o efeito de gueto que algumas vezes ocorre, em que grupos de estudantes se juntam em sistemas fechados e acabam por ter muito pouco contacto com os estudantes de outras origens. Sobretudo não podemos deixar a diferença evoluir para a discriminação, devendo esta receber da nossa parte sempre uma rejeição decidida.

A receita proveniente das propinas dos estudantes estrangeiros pode, de facto, dar uma ajuda decisiva para o equilíbrio das contas da Universidade de Coimbra. Mas quero esclarecer desde já, com cristalina clareza, que sou totalmente contra qualquer aumento das propinas dos estudantes portugueses, para além das atualizações resultantes da inflação. Espero que nenhum governo tenha a tentação de querer libertar o Estado das suas responsabilidades com o ensino superior, colocando as propinas dos portugueses ao mesmo nível das propinas dos estudantes internacionais. Seria socialmente muito injusto, pois para as famílias portuguesas com menos posses uma tal subida das propinas significaria o corte do acesso ao ensino superior. Felizmente há um limite constitucional para o valor das propinas dos portugueses, e confio que o Tribunal Constitucional não deixará que seja ultrapassado. No caso dos estrangeiros estamos a tentar atrair quem já decidiu gastar bastante dinheiro numa educação no estrangeiro, sendo obviamente preferível que o gaste em Portugal a gastá-lo noutro país.

Vejo com satisfação que o governo português começou a perceber que o ensino superior português, com as principais universidades à cabeça, tem efetiva capacidade competitiva internacional. O recente protocolo firmado entre a AICEP - Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal - e as universidades para promover o ensino superior português como um setor exportador mostra essa nova consciência.

Mas, quanto mais competitivos queremos que sejamos, mais indispensável é que nos deem efetiva autonomia. O ensino superior português não tem dívidas, nem pagamentos em atraso, e cada vez angaria diretamente uma parcela maior da sua receita. O Governo tem de distinguir o bom do mau, o bem gerido do mal gerido. Estamos fartos de ser vítimas colaterais de medidas cegas, transversais, justificadas em nome de uma pseudo igualdade de todos os setores da administração perante a lei. Aquilo que podemos ou não fazer a cada momento não pode estar a mudar quase todos os meses. O âmbito de autonomia das universidades não pode ser continuamente estropeado por medidas justificadas por outras situações.

Por exemplo, até há poucos meses podíamos criar e gerir empresas que nos ajudassem a cumprir a nossa missão. Subitamente, saiu o Decreto-Lei 133/2013, seguido do Decreto Regulamentar 1/2014, sobre os quais não fomos sequer previamente ouvidos, que diz que todas essas empresas passam a ser geridas diretamente pelo Ministério das Finanças. Que sabe o Ministério das Finanças de universidades? Como vai conseguir gerir com racionalidade uma micro empresa associada a uma universidade? Só vai haver perdedores. Qual a lógica de tudo isso? As empresas com grandes défices precisam de ser administradas pelo Ministério das Finanças? Pois que o sejam. Mas as empresas das universidades não têm défices, nem pagamentos em atraso. Tratem diferente o que é diferente!

Outro exemplo profundamente negativo é a Portaria 48/2014 saída há poucos dias, que retira às universidades a capacidade de escolher o seu pessoal. Agora será o INA - Instituto Nacional de Administração, que selecionará os jardineiros para o Jardim Botânico, os técnicos para o ciclotrão do ICNAS, os gestores dos projetos comunitários, os técnicos que acolherão os estudantes internacionais. Até aqui, quando nos indicavam alguém da mobilidade especial para preencher um lugar, podíamos submetê-lo a provas, equivalentes às dos outros candidatos aos concursos. A verdade é que a larga maioria tem reprovado com notas muito negativas. O Governo descobriu agora a solução: as pessoas indicadas pelo INA não podem ser avaliadas. As instituições têm de as aceitar, ponto final. Como podemos ser competitivos assim?

É inaceitável, é inacreditável. O Governo acha que não há diferença entre a competência e a incompetência. Acha que não há diferença entre a boa gestão e a má gestão. Maltrata por igual o que está financeiramente equilibrado e o que está desequilibrado.

Se o Governo não nos pode ajudar financeiramente, pelo menos que nos ajude naquilo que não tem incidência financeira. Todos concordam que o Governo tem obrigação de nos ajudar a encontrar outros caminhos de desenvolvimento. Mas é o contrário que tem feito, vezes sem conta. Temos atualmente muito mais restrições ao nosso funcionamento do que nos tempos de desafogo financeiro. Será que é o mesmo Governo, este que nos trás estas leis, e aquele que nos trás o estatuto de estudante internacional? Não deve ser o mesmo.

Defendo que, na arquitetura da administração pública, deve ser criada uma figura própria para as universidades. Não podemos continuar a ser tratados como institutos públicos, que são estruturas com pouca autonomia e juntam setores muito diferentes. Não podemos ser tratados como fundações públicas, pois essa figura foi, por razões exteriores às universidades, muito deteriorada. Temos de ser reconhecidos como um setor com regras próprias, como as autarquias locais. O valor da autonomia universitária, constitucionalmente consagrada, tem de ser politicamente reconhecido e juridicamente concretizado num modelo próprio.

Embora se inicie hoje a semana cultural da UC, decidi que a sua apresentação seria feita de forma autónoma. A semana atingiu uma grande dimensão graças à conjugação de vontades de muitos agentes culturais, internos e externos à Universidade, e incluí-la nesta cerimónia não permitia que tivesse o destaque que merece. Aproveito, por isso, para vos convidar para o concerto de abertura da semana cultural, hoje às 21:30 no Teatro Académico de Gil Vicente, onde a Orquestra Clássica do Centro e o Estúdio de Ópera do Conservatório de Música de Coimbra apresentarão uma suite operática que nos anuncia já a primavera e o verão que se aproximam.

Procederemos também, dentro de momentos à entrega do prémio Universidade de Coimbra ao Prof. António Sampaio da Nóvoa. Tenho de aproveitar para fazer aqui preito público da minha admiração por ele, pela sua notável visão e intervenção cívica, pela sua tão inspiradora defesa do

conhecimento como cerne do bem estar das sociedades humanas. É uma honra para a Universidade de Coimbra poder atribuir este prémio a alguém tão que tanto se distingue.

Neste dia tão importante para a UC, quero saudar os membros do Conselho Geral e do Senado, prestando testemunho público do trabalho conjunto, muito frutuoso e muito construtivo, que tem ocorrido nestes órgãos. Um agradecimento muito especial é devido ao Presidente do Conselho Geral, Doutor Emílio Rui Vilar, pela sua visão e empenho na defesa do interesse da Universidade de Coimbra. O Conselho Geral tem sido decisivo no desenvolvimento da nossa estratégia, uma tarefa de grande complexidade num período histórico de tanta turbulência.

Concluo com uma palavra de apreço e incentivo a todos os funcionários, estudantes e docentes da Universidade de Coimbra. Apesar dos cortes salariais tão injustos, dos cortes na ação social, das grandes limitações à progressão na carreira, do abaixamento do financiamento para a investigação, temos sido capazes de manter a determinação que é necessária para que a Universidade de Coimbra resista e se transforme num espaço melhor e mais acolhedor para trabalhar, ensinar e aprender. Acredito que a estratégia de globalização da nossa universidade, que acabo de partilhar convosco, pode contribuir para o nosso sucesso e para melhorar a nossa qualidade de vida dentro da instituição. Com rigor, exigência, determinação, mas também com esperança nas oportunidades que o mundo nos oferece.

Um palavra muito especial de incentivo aos doutorados a quem iremos entregar as cartas de curso dentro de momentos. Uma palavra também muito sentida de gratidão aos jubilados e aposentados a quem iremos oferecer uma pequena lembrança logo a seguir. Esta Universidade foi construída por eles, e aqui lhes quero agradecer, em nome de todos, esse contributo decisivo.

A Universidade de Coimbra é uma universidade global! E essa é a melhor via para ajudar Portugal.

João Gabriel Silva
1 de Março de 2014